

RESENHA

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p. (Coleção Pesquisa qualitativa/coordenada por Uwe Flick) ISBN 978-85-363-2138-7

Resenhado por: Michelle Campêlo Costa (SEEDF/UnB)¹
Kleber Aparecido da Silva (UnB)²

Recebido em: junho de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.43715

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Etnografia; Observação Participante.

É cada vez mais usual no ambiente acadêmico falar acerca da pesquisa qualitativa, uma vez que, nos últimos anos houve um período de crescimento e consolidação desta proposta de pesquisa em diferentes contextos. Questões e problemas relacionados a pesquisa qualitativa vêm tomando lugar nas falas de pesquisadores, professores, estudantes e profissionais de distintas áreas. Com o intuito de trazer esclarecimentos e colocar esse tema em foco, a Coleção Pesquisa qualitativa coordenada por Uwe Flick, criou alguns livros que abordam as principais questões que surgem ao se

¹ Michelle Campêlo Costa é docente na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Cursa mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciada em Letras Português/Inglês e em Pedagogia. Especialista em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais - Mediadores de Leitura pela UnB; em Gestão e Orientação Educacional pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin (FTED) e em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro (UCB). Suas experiências profissionais abrangem docência no Ensino Fundamental Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio, Coordenação Pedagógica no Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais, Gestora escolar e Vice-diretora na SEEDF, além de, Professora-Formadora na Subsecretaria de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE/SEEDF). É membro do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL CNPq/UnB). Email: michellecampelo@edu.se.df.gov.br / michellecampelo.professora@gmail.com

² Kleber Aparecido da Silva é pós-doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP; em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP; em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP (São José do Rio Preto). Professor Associado 1 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador visitante na Pennsylvania State University (PSU) em 2019/2020. É coordenador geral do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL). E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br

fazer pesquisa qualitativa, em que cada livro traz métodos, abordagens, análises ou materiais essenciais ao estudo do mundo social em termos qualitativos.

Dentre os livros desta coleção está *Etnografia e Observação Participante*, de Michael Angrosino, obra a ser brevemente apresentada, a fim de que, compreendamos os caminhos da etnografia entendida tanto como método quanto como produto; e a observação participante compreendida tanto como um estilo a ser adotado por pesquisadores quanto como contexto.

Michael Angrosino é professor no Departamento de Antropologia da *University of South Florida* e autor de alguns livros, dentre eles *Etnografia e Observação Participante* com a primeira edição publicada em 2009 e *Etnografía y observación participante en Investigación Cualitativa (Spanish Edition)*, publicado em 2012.

Angrosino discorre acerca da pesquisa de campo, os tipos de temas a serem estudados pelos métodos etnográficos, a escolha do campo, coleta e análise de dados etnográficos, observação etnográfica, estratégias de apresentação dos dados. O autor enfatiza as questões de ética na pesquisa e lança um olhar na etnografia para o século XXI, em um livro com leitura fácil, reflexiva e envolvente que leva o leitor a imaginar cada passo da pesquisa, pensar em uma escolha razoável para o campo o selecionando com mais cautela, bem como a fazer uma reflexão/revisão pessoal com foco nas etapas da pesquisa.

Em *Etnografia e Observação Participante* não serão encontradas receitas prontas e acabas de como realizar uma pesquisa etnográfica com qualidade, eficiência e eficácia, mas, há uma espécie de chamamento a reflexões sobre o fazer pesquisa de campo e ao longo do livro, Michael Angrosino convida a realizar leituras onde conceitos e teorias são apresentados para serem desenvolvidos e refinados no processo da pesquisa qualitativa etnográfica.

Para Uwe Flick, coordenador da Coleção Pesquisa Qualitativa na qual este livro está inserido, a pesquisa qualitativa parte da ideia de que os métodos e as teorias precisam ser adequados ao que é estudado e dessa forma, corroborando com Flick, Angrosino ao abordar acerca das relações de campo, direcionamento, membros, coletas de dados, escrita sobre o campo, pesquisa, experiências de campo e relatos feitos a partir dele, dentre outros temas exemplifica cada temática com as práticas de seus projetos de pesquisa etnográfica: *Trinidad e Desospitalização*.

Ao leitor são apresentadas explicações e exposições de momentos exitosos vivenciados por Angrosino em pesquisas de campo na ilha Trinidad, próxima à Venezuela, com etnografia realizada num cenário típico da antropologia cultural mais tradicional, numa comunidade relativamente coesa e de forte autoimagem, fora dos Estados Unidos. Os participantes são descendentes de indianos deslocados para muitos locais do Império Britânico em um sistema de “contrato” ocorrido ao término da escravidão, no Projeto Trinidad. O livro revela também a pesquisa de campo na Flórida,

Estados Unidos da América, no Projeto de Desospitalização em um estudo conduzido em uma comunidade de pessoas em situação de graves doenças mentais crônicas e retardo mental, “desospitalizadas” a partir da década de 70 e reinseridas em suas comunidades.

No livro há nove capítulos em que vários temas são desenvolvidos. O capítulo 1: Etnografia e Observação participante traz a relevo as definições de etnografia e observação participante, compara e contrasta os usos do termo “etnografia” tanto como método quanto como produto, propõe a observação participante tanto como um estilo que pode ser adotado por pesquisadores etnográficos quanto como um contexto no qual uma variedade de técnicas de coleta de dados pode ser adaptada.

Outro ponto forte é a conceituação de etnografia como a descrição de um povo, uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidade ou sociedades; e como a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças.

O livro revela uma breve história da pesquisa etnográfica do fim do século XIX ao início do século XX, na qual os antropólogos iniciaram a utilização do método etnográfico para os estudos de grupos humanos; aborda sobre a observação participante como um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade estudada. Na sequência, as teorias da cultura e pesquisa etnográfica são abordadas: funcionalismo, interacionismo simbólico, feminismo, marxismo, etnometodologia, teoria crítica, estudos culturais, pós-modernismo.

À medida que o texto é percorrido torna-se perceptível que essa variedade de orientações teóricas dão um amparo às pesquisas e que elas não são excludentes, mas, levam o leitor a refletir: qual ou quais teoria(s) pode(m) ser escolhida(s) para a sua pesquisa? E o por quê dessa(s) escolha(s)?

Para o autor os etnógrafos podem assumir uma diversidade de posições e portanto, as observações cuidadosas de comportamentos vividos, entrevistas detalhadas com gente da comunidade em estudo, a atenção minuciosa aos processos de pesquisa como modos de acesso ao campo, de se estabelecer afinidades com pessoas do meio pesquisado e se tornar um membro ativo daquele grupo, são alguns aspectos importantes que ligam as muitas e variadas abordagens.

Michael Angrosino também discorre acerca da etnografia como método e como produto de pesquisa, na qual ela busca definir padrões previsíveis de comportamento de grupo sendo baseada em trabalho de campo, personalizada, multifatorial, de longo prazo, indutiva, dialógica e holística; como produto é uma narrativa sobre a comunidade em estudo evocando as experiências vividas daquela comunidade.

Em relação a observação participante vista aqui como estilo e contexto, a obra explica que é um estilo adotado por cada pesquisador em campo de pesquisa e que, depois de aceito pela comunidade em estudo, pode ser capaz de usar variadas técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seus modos de vida.

O capítulo 2 propõe estudos sobre os principais tipos de problemas de pesquisa que requerem os métodos etnográficos: definir um problema de pesquisa, avaliar resultados imprevistos, identificar participantes em um contexto social, registrar processos sociais e contextualizar a pesquisa quantitativa; bem como, conhecimentos acerca dos tipos de contextos em que esses métodos podem ser empregados de forma salutar, onde quer que haja pessoas interagindo em cenários naturalmente coletivos.

Para esses estudos, o autor usa como ilustração, de maneira clara, assertiva e apropriada, suas duas etnografias expostas no início desse texto: Trinidad e Desospitalização para exemplificar os pontos principais da discussão. Ainda nesse capítulo, ao leitor é explicado que a pesquisa etnográfica iniciou em comunidades pequenas e culturalmente isoladas, mas, expandiu para abranger comunidades em sociedades mais amplas e hoje, essa pesquisa abrange estudos de comunidades de interesse, comunidades virtuais e comunidades geograficamente isoladas.

O capítulo 3 mostra ser necessário saber os fatores que devem ser levados em consideração pelo pesquisador que planeja uma pesquisa etnográfica, além de reconhecer os modos pelos quais são estabelecidas e mantidas relações pelo pesquisador no campo de pesquisa para se tornar um observador participante. Assim, é preciso ponderar, verificar para escolher um campo de pesquisa, sendo necessário realizar uma revisão pessoal para então, fazer uma escolha razoável.

Não são apresentadas receitas mas, sugestões e passos a serem percorridos que tornarão o caminho do pesquisador mais exitoso. Ao iniciar com um inventário pessoal, com a escolha de um lugar em que a questão acadêmica proposta tenha maior probabilidade de ser vista de maneira clara, em um campo que não tenha sido exaustivamente estudado, com poucos obstáculos de acesso, onde o pesquisador não seja um fardo e com a decisão de estabelecer vínculos, certamente a caminhada será mais leve, uma vez que essas são tomadas de decisões simples, mas, necessárias.

Permanecendo nos percursos da Etnografia e Observação Participante, no capítulo 4 há algumas das principais técnicas de coleta de dados usadas por pesquisadores etnográficos que trabalham com observação participante, posicionamento adotado por Angrosino em projetos de pesquisa de campo etnográficas, pois, segundo ele, a observação participante não é uma técnica de coletar dados, mas, o papel adotado pelo etnógrafo a fim de facilitar a coleta de dados.

O autor pontua que a boa etnografia é o resultado da triangulação - o uso de múltiplas técnicas de coleta de dados para reforçar conclusões. Essas técnicas de coleta de dados etnográficos

requerem-se três habilidades principais, que são uma mistura bem equilibrada, a saber: 1) observação, 2) entrevistas e 3) análise de materiais de arquivo. A observação é o ato de perceber as atividades e inter-relações das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador e exige o registro objetivo e uma busca de padrões. As técnicas de observação podem ser discretas e de cunho participante.

Angrosino ainda aborda o ato de entrevistar como um processo de dirigir uma conversação a fim de coletar informação e os vários tipos de entrevista usados por etnógrafos: aberta em profundidade, semiestruturada, tipos especiais (entrevistas genealógicas e de análise de rede, histórias orais e histórias de vida).

E por fim, a pesquisa em arquivo é definida como a análise de materiais que foram guardados para pesquisa, serviço e outros propósitos, tanto oficiais como não oficiais, com fontes primárias e ou secundárias de dados de arquivos. Estes momentos abordados acima são basilares para o bom andamento da pesquisa, sendo necessária especial atenção por parte do pesquisador, pois, comprometimentos na coleta de dados podem mudar completamente os rumos da pesquisa.

Com foco na observação etnográfica, o capítulo 5 requer maior entendimento a respeito dos conceitos e procedimentos associados com a técnica de observação, bem como sugere melhor compreensão de uma das três principais operações etnográficas: a observação. A fundamentação da pesquisa etnográfica ocorre por meio da observação regular de situações e de indivíduos com intuito de responder questões teóricas referentes à organização social ou à natureza do comportamento.

A obra evidencia que a observação etnográfica é realizada no campo, em cenários de vida real, tendo menor ou maior envolvimento com aquilo que se está observando. Na sequência é colocado em relevo a tipologia clássica dos papéis do pesquisador: observador invisível, observador como participante, pesquisador participante como observador e participante totalmente envolvido que no jargão antropológico foi chamada de “tornar-se nativo”.

Ao falar em observação participante remete-se às interações pautadas nos princípios éticos, em comunicações com o mínimo possível de distorções de entendimentos e numa dinâmica acessível de observações baseadas na escolha de um local acessível, na inserção do pesquisador na comunidade estudada e em tomar notas registrando o que é essencial a fim de que o pesquisador consiga analisar e recuperar tudo que foi coletado.

Encontram-se no capítulo 6, modos de análises e interpretações de dados etnográficos para uma boa busca de padrões, e formas como estes podem ser explicados e utilizados como base para pesquisas futuras. Nesse momento, o pesquisador encontra-se frente a inúmeros dados em forma de narrativas e numéricos que precisam ser analisados e interpretados e para isso, o autor afirma que há duas formas de analisar os dados: análise descritiva e análise teórica. Quanto aos padrões,

Angrosino alerta que um verdadeiro padrão é aquele que é partilhado pelos membros de um grupo, seu comportamento real, e/ou que se acredita desejável, legítimo, ou correto pelo grupo, seu comportamento ideal.

Independente da forma de análise dos dados etnográficos escolhida pelo pesquisador, será necessário um movimento de ir e vir numa constante verificação da validade dos dados.

Quanto às estratégias de apresentação de dados etnográficos, no capítulo 7 há o intuito de que o leitor venha a “conhecer algumas maneiras pelas quais os etnógrafos podem transmitir seus resultados ao público; ver que agora as monografias científicas padrão são complementadas por etnografia alternativa” (ANGROSINO, 2009. p. 101) e experienciar dados etnográficos apresentados de formas para além da escrita, como: filmes documentários, filmes ficcionais, textos e imagens postados na *internet*, exposições visuais em museus e outras.

Sabe-se que os etnógrafos participam da vida das pessoas que eles estudam, mostram experiências vividas por pessoas reais e isso traz ao trabalho um alto grau de subjetividade. O grande número de dados coletados na pesquisa etnográfica produz muitos fatos e estes, não falam por si só necessitando de análises para que seu sentido fique claro, por isso, a análise de dados é uma parte da pesquisa que precisa ser bem apresentada.

Por meio de detalhamento minucioso, o autor fala da forma de apresentação tradicional dos dados etnográficos, o texto acadêmico: livro/monografia, artigo para revista científica, comunicação lida em encontros profissionais, destacando seus elementos-chave. Após, traz outros tipos de escrita etnográfica/“narrativas” etnográficas: narrativas realistas, narrativas confessionais, autoetnografia ou “narrativa do selfie”, descrições poéticas, etnodrama e ficção. Essas várias e distintas formas de redações etnográficas têm o poder de atingir e mobilizar outros públicos, além do acadêmico, mostrando experiências que poderiam passar despercebidas numa monografia científica padrão.

Para finalizar o capítulo 7, Angrosino explana que além da palavra escrita como estratégia de apresentação dos dados, podem ser usados os filmes documentários, filmes ficcionais, textos e imagens postados na *Internet*, exposições visuais em museus e outras. Porém, ele aconselha que ainda é uma boa ideia primeiro o pesquisador aprender, de fato, a tradicional redação científica, para depois se permitir e realizar vãos mais criativos para além da palavra escrita.

Quanto às questões de ética na pesquisa, o capítulo 8 encarrega-se dessa temática. Ele objetiva que o leitor compreenda a ética na realização do trabalho de campo, saiba quais são os critérios de ética na pesquisa vigentes atualmente para todos os cientistas sociais e conheça as questões especiais relacionadas à observação participante.

Na pesquisa etnográfica com observação participante, necessariamente ocorrerá interação direta entre os participantes de pesquisa, parceiros ou colaboradores no processo de pesquisa e o

pesquisador. Entende-se que as interações ocorrem em contextos inesperados, uma vez que são pessoas reais vivendo situações cotidianas reais, podendo ocorrer qualquer tipo repentino de prejuízo aos participantes. Diante disso, os pesquisadores contemporâneos preocupam-se com as questões éticas, não sendo aceitável discutir dados nesse contexto etnográfico sem que se aborde a dimensão ética na pesquisa.

De acordo com o autor, os princípios éticos que orientam as relações interpessoais devem ser parte integrante da pesquisa para todos os que fazem observação participante/pesquisa de campo. As definições de pesquisa ética são regidas por normas fiscalizadas por comitês de ética na pesquisa e por valores pessoais. Angrosino ainda enfatiza que, as normas federais visam obter o consentimento informado de todos os sujeitos humanos envolvidos na pesquisa, protegendo a privacidade e o sigilo de suas informações.

E por fim, o último capítulo deste livro, o de número 9, coloca em evidência uma trajetória de mudanças na realização do trabalho de campo, levando a percepção de como isso é uma consequência das transformações tanto no mundo “real” quanto no mundo “virtual” da tecnologia, das comunicações e do transporte modernos.

É fulcral a reflexão que ao longo dos anos ocorreram mudanças de contextos de uso das técnicas de pesquisa com o advento da tecnologia, da globalização, dos mundos virtuais se tornarem partes do cotidiano real. Estes movimentos encurtaram distâncias e novas formas de contato, aproximação, interações surgiram. As mudanças mencionadas não devem ser vistas como empecilhos, mas, como algo a mais durante os processos de pesquisa.

Apesar de todo esse mundo tecnológico à disposição do pesquisador, ainda assim, é possível usar os métodos tradicionais de observação etnográfica, entrevista e pesquisa em arquivo tradicionais, triangulação explicada em capítulos anteriores, nas comunidades virtuais *on-line*, atentando-se para o fato de que é importante uma maior atenção à questão de diretrizes éticas aplicadas aos estudos das comunidades tradicionais para as virtuais.

Nota-se que as técnicas de pesquisa etnográfica que foram criadas e idealizadas para uso em sociedades pequenas, tradicionais e homogêneas ainda são úteis, porém o pesquisador precisa ficar atento às mudanças no contexto de pesquisa.

Por meio dessa leitura instigante, acolhedora, instrutiva e reflexiva surge a oportunidade de analisar os vários caminhos trazidos por Angrosino, a fim de fortalecer a pesquisa etnográfica participante. Dessa forma, ao encerrar este momento de proposição de detalhamentos do arcabouço teórico, registra-se aqui um convite aos pesquisadores para adentrarem as páginas deste livro tão bem concebido e mergulhar, com olhares atentos e sentimentos aguçados, no mundo da Pesquisa Etnográfica e Observação Participante.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante* [recurso eletrônico] / Michael Angrosino; Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.